

Apresentar as línguas artificiais enquanto objeto dos estudos linguísticos é o propósito primeiro deste trabalho. Dessa forma, em meio à diversidade de corpus, a Novilíngua foi a língua artificial escolhida por se apresentar em um contexto de distopia, na obra '1984' de George Orwell (1948), que propicia reflexões relativas à relação entre linguagem e organização social. Em um primeiro momento desta pesquisa, os principais vocábulos que formam tal idioma foram sujeitos a uma análise morfológica elementar - a fim de constatar se havia semelhança entre os processos de formação de palavras das línguas naturais e artificiais - e a outra análise semântica referente ao modelo proposto por Ducrot (1969), onde os conceitos de componente lingüístico e retórico começam a ser pensados. No entanto, o intuito aqui não é a relativização destes termos e sim a aplicação dos mesmos como estabelecidos no artigo em questão. Uma vez visto o resultado das primeiras observações, a relevância substancial da presença da língua natural na construção formal e de sentido da língua artificial, parte-se em busca de uma característica geral da língua. Para tanto, recorrer-se-á à teoria da argumentação linguística (DUCROT, 1981), que auxiliará na construção da hipótese de que, a serviço da alienação, o partido do Grande Irmão (organização dominante no espaço construído do romance: A Oceania) cria uma língua artificial para diminuir a capacidade de pensamento dos indivíduos através do processo de adição de determinados operadores argumentativos às palavras, manipulando os seus sentidos. No nível do enunciado, pensa-se que eles são organizados de forma que os atos de fala (AUSTIN, 1998) representem exatamente o oposto do que foi dito.